

Carta do ano 2024



Enraizados
no dom recibido,
novo começo,
novas chamadas

Gregoria Ruiz Alegarbes

Enraizados no dom recebido, novo começo, novas chamadas

Carta do ano 2024

Gregoria Ruiz Alegarbes
Diretora da Instituição Teresiana

Roma, 1 janeiro 2024

© Instituição Teresiana
Documento digital
Circulação restrita

Desenho da capa: A. Martín Martín

Edição:
Departamento de Informação IT
Príncipe de Vergara 88
28006 Madrid. ESPANHA

INTRODUÇÃO	3
1924-2024. A Instituição Teresiana, cem anos como obra da Igreja	3
PARTE I: OLHANDO PARA DENTRO – GRATIDÃO E MEMÓRIA	4
O ano centenário: tempo de voltar a casa	4
Beber no manancial dos Escritos de Poveda	6
PARTE II: EM SAÍDA – COMPARTILHAR O QUE TEMOS RECEBIDO	11
Viver o carisma no coração de um mundo fraturado	11
Uma associação de leigos, uma resposta aos sinais dos tempos	12
Exteriormente comuns e interiormente únicos	13
Comunidades que são sinal e sementes do Reino de Deus	14
É necessário revitalizar os nossos grupos e comunidades?	20
Partilhar o carisma: Porque não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos (At 4, 20)	22
Maria, Mãe amável e discípula confiada no Senhor	23

INTRODUÇÃO

1924-2024. A Instituição Teresiana, cem anos como obra da Igreja

Que alegria e que bênção celebrar, finalmente, o centenário da aprovação da Igreja à Obra de Poveda. E que gratidão e alegria nos encham o coração por ter chegado aqui!

A 11 de janeiro de 1924, o Papa Pio XI, através do Breve *Inter frugiferas*, aprovou perpetuamente a Instituição Teresiana. Esta aprovação pontifícia possibilitou a expansão internacional da Instituição Teresiana, estendendo as suas raízes a mais de trinta países dos quatro continentes. Um caminho de fé centenário que não tem dependido senão da graça constante e da providência permanente de Deus, da companhia maternal e da proteção de Maria. Assim, ao longo do caminho, graças às luzes e à fortaleza destes mananciais, tem contribuído para a construção do reino de Deus no coração do mundo.

No dia em que se conheceu a aprovação pontifícia, recordamos que Josefa Segovia escreveu a Pedro Poveda: “Fui imediatamente à capela... dizer a Jesus que tenho de ser santa”.¹

E é possível imaginar como se sentiria Poveda, fiel e humilde Fundador da Instituição, quando já em 1917 face à primeira aprovação diocesana, tinha declarado: “A Obra já não é minha, é da Igreja”.²

Ao longo dos anos, muitas pessoas e grupos variados responderam e fizeram seu o ideal proposto por Poveda, de *uma vida eminentemente humana, aperfeiçoada pelo divino, modelando as suas*

¹ Carta de Josefa Segovia a Pedro Poveda, 6 janeiro 1924 publicada em *Cartas*, Madrid 1970.

² Cfr. Testemunho de Josefa Segovia, numa “Ficha de Historia de la Obra”. 1 de março 1955.

*vidas com a de Jesus, o Filho de Deus feito homem.*³ Atualmente, a grande família teresiana é composta por comunidades educativas e alunos de colégios teresianos; movimentos e grupos juvenis; associações e movimentos de antigos alunos e alunas da IT; colaboradores em residências de estudantes, projetos culturais e sociais da Instituição; associações e grupos ACIT e o núcleo da Instituição.

A preciosa herança recebida do Padre Poveda deu –e continua a dar– frutos através da sua presença evangelizadora onde se encontram os membros da IT, levando a cabo a missão: estar no mundo sem ser do mundo e viver como sal, fermento e luz.

PARTE I: OLHANDO PARA DENTRO – GRATIDÃO E MEMÓRIA

O ano centenário: tempo de voltar a casa

Os aniversários são ocasiões transcendentais para voltar a casa, regressar aos começos, recordar... Para nós, pode significar dar um passo atrás e pararmos na curvada estrada. Depois de um longo caminho percorrido, este ano é uma ocasião propícia para nós, que pertencemos à família teresiana, revisitemos juntos os primeiros anos da Instituição: as primeiras intuições e ideais do Padre Poveda para a Obra; a “ideia boa” que acendeu em muitos corações a paixão pelo Reino; as inspirações que deram asas a muitos sonhos; as dores de parto e as graças oportunas que permitiram superar as penas e deixar-se invadir pela alegria; os inumeráveis sacrifícios dos primeiros membros abrasados pelo entusiasmo inquebrantável da santidade que continua a brilhar na vida de muitos mais que vieram depois...

Do mesmo modo que as ondas depois de se precipitarem para o ponto mais longínquo da margem, devem voltar às profundezas para recuperar novas energias e forças para se poderem lançar de novo,

³ Cfr. Pedro Poveda, *Obras. Volumen I. Creí, por esto hablé (CpH)* [74], 1915.

com a liberdade de um novo começo, também a nós nos fará bem se voltarmos o olhar para os nossos começos e ancorarmos de novo a nossa visão, os nossos planos e as nossas ações nas razões essenciais do nosso estar aqui.

À medida que nos afastamos do ponto de partida, por vezes podemos perder de vista o objetivo e a razão pela qual começamos a viagem. Como numa família natural, é conhecendo a sua história que reforçamos as nossas raízes e afiançamos a ancoragem da nossa identidade. Também as culturas sobreviveram ao longo dos séculos, mesmo sem as vantagens das modernas tecnologias da comunicação, graças à simples prática de contar histórias. Ao reunirem-se e repartirem o pão da história familiar, nutrem os seus membros jovens com o orgulho e a honra por pertencerem à família, alimentam a sua coragem nos poços de experiência e sabedoria dos seus antepassados. Quando deixamos de contar a história, o espírito morre; as histórias mantêm viva a memória. O Papa Francisco, na sua mensagem durante a Jornada Mundial dos Avós e das Pessoas Idosas (2021) disse: “Sem a memória não se pode construir. E os alicerces da vida são a memória”.

Por isso, este ano, convido-vos a “voltar a casa” e a criar espaços para contar histórias nas nossas comunidades, nos nossos lares, nos nossos centros e escolas; a dedicar tempo a estar presentes uns com outros; a contarmos uns aos outros as histórias da nossa Associação, o sonho do nosso Fundador, o testemunho de vida dos nossos membros, as nossas lutas e vitórias no caminho vocacional, a fé que nos dá razões para ter esperança, e a alegria genuína e profunda de viver a nossa vida como missão, o sentido de plenitude de viver para Deus.

Beber no manancial dos Escritos de Poveda

Uma dimensão importante do nosso “olhar para dentro” neste ano é repassar os escritos de São Pedro Poveda para nosso alimento espiritual e, ao mesmo tempo, para reexaminar uma vez mais a nossa vida à luz dos seus ideais. Saboreemos uma e outra vez os textos significativos que surgiram dos abundantes frutos da sua oração, discernimento, estudo, contemplação da realidade; do diálogo e das conversas com os que partilhavam o mesmo espírito e da sabedoria retirada da sua experiência e participação na própria paixão de Cristo.

❖ Ser sal...

Os escritos de Pedro Poveda abundam em orientações sobre como se devem comportar os membros da Instituição. Neste ano do centenário, a sua reflexão sobre o texto “Vós sois o sal da terra”⁴ do Evangelho de São Mateus é um programa de vida que proponho que aprofundemos. Estas palavras dirigidas por Jesus aos apóstolos são para Poveda uma referência clara para os membros da Instituição Teresiana chamados a uma vida apostólica, a serem discípulos de Jesus. Estabelece uma comparação entre a vida de apostolado e o sal:

Vós sois o sal da terra. Mas se o sal perder o sabor, com que se há de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens (Mt 5, 13).

Deveis ser sal da terra...

Temperar o insípido

Deveis trabalhar de tal maneira, expressar-vos de tal modo, agir sempre com tão bom espírito, tratar o próximo com tanto agrado, prodigar-lhe tais consolos, levar ao seu ânimo uma convicção que

⁴ P. Poveda, *CpH* [157], 1920.

tempere toda a sua vida. [...] Para quantos foi o princípio da sua conversão lidar com uma alma apostólica!

O sal cauteriza o corrompido

Esta virtude amável, própria da teresiana, é o melhor cautério, o mais suave, o que faz cicatrizar mais depressa as feridas. Este fogo da caridade, do amor de Deus, purifica tudo o que toca. [...] Essa doçura no exercício do vosso zelo apostólico não irritará o vosso próximo, não provocará o seu desagrado, [...] Mas é preciso ter em conta que, assim como o sal não produz esse benéfico resultado sem se destruir, não podemos cauterizar as chagas e feridas da humanidade a não ser pela abnegação, o sacrifício, o próprio martírio, a própria entrega.

O sal preserva da corrupção

Onde se deposita o sal não pode haver corrupção, e onde se encontra um verdadeiro membro IT tampouco deve existir. As palavras e as conversas, as suas obras, os seus modos, as suas maneiras, o seu porte, toda a sua pessoa deve ser antídoto contra a corrupção.

Deve existir em ti um manancial de vida verdadeira inesgotável, que é a vida de Cristo, o seu espírito que nunca se deve extinguir...

O vosso exemplo deve ter, pela graça de Deus que atua em vós, uma força tão potente... E deve ser tal a vossa simplicidade e a vossa franqueza

Deveis ser tão humildes... que suavizeis para todos o caminho da imitação. Assim, servirão o vosso exemplo e as vossas palavras para livrar da corrupção aqueles com quem vos relacionais...

Deixas de ser sal da terra...

Quando o elemento sobrenatural, o espírito de fé, de zelo, ...se desnaturaliza, misturando o elemento humano. [...] Toda a

fecundidade do vosso apostolado está em Cristo e quando de Cristo se separa, a vossa obra já não é de apostolado...

❖ Os primeiros cristãos...

Pedro Poveda recorreu aos primeiros cristãos como protótipo da Instituição: este é um dos aspetos fundamentais da espiritualidade de Poveda. Os Atos dos Apóstolos oferecem-nos uma descrição vivida de como os primeiros seguidores de Jesus expressavam a sua vida como comunidade de discípulos, como pessoas com uma vocação comum para seguir Jesus:

“E perseveravam no ensino dos apóstolos, na comunhão, na fração do pão e nas orações” (At 2, 42) y “A multidão dos crentes tinha um só coração e uma só alma” (At 4, 32).

Em 1920, ao escrever “O que se necessita para levar uma vida apostólica”⁵ o Padre Poveda sublinhava:

Em muitas ocasiões disse-vos, e agora repito, que uma perfeita teresiana não é senão uma cristã perfeita.

Daí o meu empenho em que conheçais qual era a vida dos primeiros cristãos, para que a imiteis com a maior perfeição.

Dedicaram-se ao ensino dos Apóstolos

A doutrina apostólica é luz para a alma... Quem tem mais necessidade de mais luz do que aquelas que têm de viver no meio das trevas do mundo, e têm de dissipar essas trevas e iluminar os que as rodeiam? ...se estudardes e aprenderdes a doutrina de Cristo, perseverando em escutar e receber a dos apóstolos, a vossa fé ilustrada, a vossa luz, iluminará a vida de muitos...

⁵ P. Poveda, *CpH* [155], 1920.

Perseveravam também na fração do pão...

Sem este partir do pão em comunidade, como teriam podido manter-se firmes nas perseguições, nas lisonjas, nas lutas com o demónio e a carne?

A história das vossas comunhões é a história da vossa vida; os vossos triunfos, o vosso fervor, o vosso zelo fundam-se na vossa vida eucarística.

Perseveravam nas orações...

A oração... essa respiração da alma produz tais efeitos, gera tanta vida, que não pode confundir-se. E quando examinamos o comportamento de uma pessoa em circunstâncias difíceis, em momentos de angústia, em acontecimentos inesperados, podemos também perceber se ela é uma pessoa de oração, a julgar pelas soluções que dá, pela sua coragem, fortaleza, serenidade e bom senso... Mas há que entender bem que tais efeitos, não os produz a oração de um dia, de um momento de fervor, mas a perseverante, a que faziam os primeiros cristãos cumprindo as instruções do divino Mestre e os ensinamentos dos apóstolos.

❖ Caridade...

Aprofundando ainda mais as qualidades essenciais da comunidade cristã primitiva que ele deseja que os seus seguidores imitem, o Padre Poveda escrevia a 12 de agosto de 1929 “A caridade, distintivo dos primeiros cristãos”:⁶

Seguindo o meu propósito de imitar os primeiros cristãos e de que a vossa vida se assemelhe o mais possível à da Igreja primitiva, falemos da caridade, a virtude que mais se destaca naqueles fiéis, e que eu gostaria que fosse um dos traços distintivos da Obra.

⁶ *Ibidem* [310] e [311], 1929.

Tinham um só coração e uma só alma... Uma coisa nova vos digo: que vos ameis uns aos outros. Nunca me cansaria de vos falar desta virtude, pois estou verdadeiramente obcecado por ela.

Enquanto não tivermos como princípio fundamental ver Cristo em cada um de nós e nos outros, não teremos verdadeira caridade; não nos tornaremos uma comunidade como deveríamos ser...

Trabalhai sobre isto; são verdades fundamentais, valores positivos que devem ser cimentados na escola da fé. Só assim aprenderemos a estimar-nos e a amar-nos em Deus e por Deus e para glorificar o Senhor.

A marca distintiva das primeiras comunidades cristãs era a sua fidelidade ao ensino dos Apóstolos, à fração do pão, à oração e à caridade. No nosso tempo, como demonstramos –através da dinâmica das nossas vidas pessoais e realidades comunitárias– a nossa própria fidelidade a estes valores que uniam as primeiras comunidades cristãs?

Que características das nossas associações, grupos, comunidades, centros e famílias se destacam e se espelham em nós para quem nos conhece de perto? Depois de cem anos de “estar no caminho”, continuamos a parecer-nos com o tipo de membros e de Associação com que Poveda sonhou?

PARTE II: EM SAÍDA – COMPARTILHAR O QUE TEMOS RECEBIDO

Viver o carisma no coração de um mundo fraturado

Sabemos que a Instituição Teresiana é uma Obra para tempos difíceis. O mundo em que Poveda viveu no século passado não era muito diferente do nosso. Tocou-lhe viver numa época de convulsões sociais que provocavam conflitos, ódios e violência. No coração destas realidades orou e da profundidade da sua experiência de Deus surgiu a sua resposta.

Como nos tempos do Padre Poveda, continuamos a viver num mundo despedaçado; à nossa volta vemos nações assoladas pela violência e pelos conflitos, desastres naturais e calamidades provocadas pelo homem, desigualdade e injustiça, mentiras, distorções e falsidade, desespero e falta de sentido, pobreza de muitas formas; poderíamos continuar a lista... Muito concretamente, ao começar o ano 2024, esperamos e rezamos ardentemente pela paz, ansiando por um mundo mais humano onde todas e cada uma das pessoas possam viver com dignidade, em paz e segurança; e com comunidades e nações coexistindo pacificamente num desenvolvimento partilhado e num bem-estar coletivo. Apesar do cenário sombrio das nossas realidades atuais, persistimos na confiança, agarrando-nos à visão de Deus para o mundo, tão maravilhosamente expressa no livro do profeta Isaías 11, 6-9:

*Então o lobo viverá com o cordeiro
o leopardo deitar-se-á com o cabrito;
o novilho e o leão comerão juntos,
e um menino os conduzirá. A vaca pastará com o urso,
e as suas crias deitar-se-ão juntas;
o leão comerá palha com o boi.
A criança brincará na toca da cobra
e o menino desmamado meterá a mão no ninho da víbora.*

*Não haverá dano nem destruição em todo o meu santo monte,
porque a terra está cheia do conhecimento do Senhor,
como as águas cobrem o mar.*

Como crentes em Deus, e em Jesus que é “clemente e compassivo lento para a cólera e cheio de amor. O Senhor é bom para todos, é carinhoso com todas as suas criaturas” (Sal 145,8-9), perguntamo-nos como nos devemos situar neste mundo cheio de divisões, com muitas barreiras, fronteiras e muros que nos classificam como de dentro e de fora. Ao mesmo tempo, há dentro e entre nós uma profunda consciência e um anseio de **unidade** e **paz** nascidos da intuição de que temos mais em comum do que aquilo que nos divide e nos separa uns dos outros.

Uma associação de leigos, uma resposta aos sinais dos tempos

Refletindo sobre as realidades do seu tempo Pedro Poveda atuou intuitivamente e criou uma associação de leigos cuja finalidade é “estender o reino de Deus no mundo”. Enquanto elaborava o perfil das pessoas que formariam parte da incipiente Instituição Teresiana, o Padre Poveda propôs aos seus colaboradores o ideal de *uma vida plenamente humana, aperfeiçoada pelo divino*.⁷ O modelo é Jesus –o Deus feito homem–, *norma segura para ser santo sendo humano com verdadeiro humanismo. Sob essa aparência de homem apenas, está Deus; sob um exterior comum deve estar em ti o espírito de Deus*.⁸ A partir desta inspiração, Poveda propõe aos seus colaboradores que sejam portadores do espírito de Deus.

Comprometido com a missão evangelizadora da Igreja e o seguimento radical de Jesus, o Padre Poveda disse aos que se uniram a ele que pusessem Jesus no centro das suas vidas. Não de ser testemunhas da vida cristã nos lugares onde se desenvolve a

⁷ Cfr. *CpH* [74], 1915.

⁸ *CpH* [65, 8], 1912.

vida ordinária: na família, nos bairros, nos locais de trabalho, nos espaços de lazer, etc. Em todas as situações e contextos, devem partilhar, através da sua maneira de viver, os valores que caracterizam os espaços e círculos onde Deus reina: *amor, alegria, paz, fortaleza, amabilidade, bondade, lealdade, mansidão e domínio de si* (Gal 5, 22-23).

Nos seus convites e convocatórias, Poveda via o papel privilegiado dos que se dedicavam à tarefa de educar a infância e a juventude. Acreditava no poder dos educadores e professores para moldar e influenciar os jovens. Consciente da sua ascendência, exortava-os a serem portadores de Jesus nas aulas: *sob um exterior comum deve estar em vós o espírito de Deus*.

Exteriormente comuns e interiormente únicos

*Sob essa aparência de apenas homem está Deus, sob um exterior comum deve estar em ti o espírito de Deus.*⁹

O Vaticano II afirma que o fundamento do apostolado dos leigos nasce da união dos leigos com Cristo e daí deriva o seu direito e o seu dever de serem apóstolos.¹⁰ Aos leigos é dada esta vocação especial de tornar presente e fecunda a Igreja naqueles lugares e circunstâncias onde só através deles pode chegar a ser sal da terra. Devem ajudar-se mutuamente a uma maior santidade de vida, para que o mundo se encha do espírito de Cristo e alcance com maior eficácia o seu destino de justiça, amor e paz.

Esta é a essência da nossa vocação, uma associação de leigos dedicada à promoção humana e à transformação da sociedade, impulsionada pela nossa fé em Jesus. Assim, segundo o Padre Poveda,

⁹ *Idem*.

¹⁰ Cfr. Concílio Vaticano II. *Apostolicam Actuositatem. Decreto Sobre o apostolado dos leigos*. Roma 1965.

é imperativo para nós, que pertencemos à família da IT, pôr Jesus no centro das nossas vidas.

Intensificar a vida espiritual implica aumentar o amor a Deus, diz-nos Pedro Poveda. E, para o alcançar, convida-nos a dedicar todo o nosso empenho em conhecer a Jesus.

*Intensificar a vida espiritual não é modificar a Obra,... não implica aumento de práticas piedosas, mas aumento de amor de Deus. [...] Ponhamos todo o nosso empenho em conhecer bem Jesus.*¹¹

Comunidades que são sinal e sementes do Reino de Deus

“Vós, porém, sois raça eleita..., povo adquirido por Deus, a fim de anunciardes as maravilhas d’Aquele que vos chamou das trevas para a Sua luz admirável, vós que outrora não ereis povo, mas agora sois o povo de Deus” (1Pe, 2, 9-10).

Poveda alude a esta epístola em referência à Instituição Teresiana, quando escreve em 1920:

*Apesar de serdes boas, retas e justas, não formáveis um povo, uma associação, não tínheis essa comunidade de interesses, de ideais e de aspirações, agora sois Povo de Deus porque Ele vos chamou...*¹²

Foi Deus quem nos chamou, nos reuniu, pertencemos-lhe ao termos sido incorporados nEle pelo batismo Fomos atraídos e atraídas pelo carisma da Instituição Teresiana e viemos. Somos o Povo de Deus convidado a viver a fé, em comunidade e em comunhão, como Instituição Teresiana. Povo amado por Deus; povo convocado por Deus, que caminha impulsionado pelo Espírito. Fazendo parte de uma Igreja em caminho sinodal, somos chamados a ser fiéis à vivência do dom recebido.

¹¹ P. Poveda, *CpH* [324], 1929.

¹² P. Poveda, *CpH* [154], 1920.

A nossa recente experiência dos dois importantes eventos a nível internacional, o Encontro Internacional de Todas as Associações da IT e a XIX Assembleia Geral apontam para esta verdade do nosso ser. Para os participantes, representantes das realidades da IT dos quatro continentes, África, América, Ásia e Europa, foi uma experiência significativa de fraternidade e de profunda comunhão na diversidade. Com realismo, honestidade e respeito, reconhecemos a nossa diversidade, os contextos variados de onde procedíamos, o diferente grau de crescimento e desenvolvimento da IT em cada país, os desafios das diversas visões e experiências locais, etc. No entanto, o espírito de amor fraterno e a comunhão que brotam da vocação comum à IT e o sentido de pertença e corresponsabilidade pela sua vida e missão, foram sinal do profundo vínculo espiritual que transcende as nossas diferenças. Isto é fruto da ação do Espírito de Deus entre nós e não só da boa vontade humana. E esta experiência queremos partilhá-la com todos e todas para que também vós participeis desta graça.

O carisma, o dom recebido do Espírito Santo, torna-se patente e visível na sociedade quando se reflete em comunidades, famílias e grupos que têm os mesmos **interesses, ideais e aspirações**. A nossa missão, como diz Poveda, é cooperar na construção do Reino de Deus na história. Este é o ideal e a aspiração que nos move como povo de Deus.

➡ **Comprometidos com os desafios do mundo, com uma solidariedade renovada**

Ao afirmar a dignidade de cada pessoa humana e através da sua própria opção preferencial pelos pobres, a Instituição Teresiana promove os direitos humanos e compromete-se a construir uma sociedade de justiça e solidariedade. Como discípulos de Jesus, respondemos ao chamamento da Igreja para reconhecer as pessoas

em situação de pobreza como protagonistas do caminho da Instituição.

A XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos afirma no relatório de síntese:

Entre os múltiplos rostos dos pobres há os de todos aqueles que não têm o necessário para levar uma vida com dignidade. Depois, há os dos migrantes e refugiados; povos indígenas, originários e afrodescendentes; os que sofrem violência e abuso, de modo particular as mulheres; pessoas com dependências; minorias às quais é sistematicamente negado o direito a ter voz; idosos abandonados; vítimas do racismo, da exploração e do tráfico, de modo particular menores de idade; trabalhadores explorados; pessoas economicamente excluídas e outras que vivem nas periferias. Os mais vulneráveis entre os vulneráveis, a favor dos quais é necessária uma constante ação de defesa, são as crianças no ventre materno e as suas mães. A Assembleia está consciente do clamor dos “novos pobres”, produto das guerras e do terrorismo que martirizam muitos países em diferentes continentes, e condena os sistemas políticos e económicos corruptos que são a sua causa.

A par das múltiplas formas de pobreza material, o nosso mundo conhece também as formas da pobreza espiritual, entendida como falta de sentido para a vida.¹³

➔ **Cuidadores e defensores da dignidade de cada pessoa e da casa comum**

O Papa Bento XVI recordava-nos que “a par da ecologia da natureza, existe o que pode chamar-se uma ecologia ‘humana’ que, por sua vez, exige uma ecologia ‘social’. Tudo isto significa que a

¹³ XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (primeira sessão, 4-29 de outubro de 2023). *Uma Igreja sinodal em missão, relatório de síntese.*

humanidade... deve ser cada vez mais consciente dos vínculos entre a ecologia natural, o respeito pela natureza, e a ecologia humana”.¹⁴

Creio que podemos afirmar sem temor de nos equivocarmos que todos nós sentimos –e estamos a sentir– o amplo e grave impacto das alterações climáticas. As notícias diárias estão repletas de relatos de catástrofes: supertufões, inundações, ondas de calor, condições meteorológicas extremas, secas, terremotos, incêndios florestais maciços, etc. Não se trata de acontecimentos remotos, mas muito próximos. No plano social, são mais evidentes as fortes migrações do Sul para o Norte do mundo, assim como as dramáticas travessias com perigo de morte no Mar Mediterrâneo e entre a fronteira de Estados Unidos e os países da América Central. .

Como comunidades, famílias e grupos da IT, a Assembleia Geral impele-nos a ver a *ecologia integral* como uma categoria de vida que propõe:

- caminhar para um estilo mais contemplativo, onde se valorize mais o ser que o fazer e o ter;
- tomar posição a favor de uma mudança que favoreça o bem comum e o cuidado da casa comum;
- rever estilos de vida, critérios e práticas de consumo tanto a nível pessoal como comunitário, institucional e social para adotar formas de vida mais simples e sustentáveis.

➡ **Tecelões de fraternidade e comunhão na diversidade**

Os esforços para construir uma sociedade justa requerem capacidade de fraternidade. E a fraternidade universal e a amizade social exigem o reconhecimento do *valor de cada pessoa humana*, de que todo o ser humano tem direito a viver com dignidade e a desenvolver-se integralmente.

¹⁴ Bento XVI Audiência Geral. Roma 26-08-2009.

“Deus criou todos os seres humanos iguais em direitos, deveres e dignidade, e chamou-os a viverem juntos como irmãos e irmãs”, declaram o Papa Francisco e o Grande Imã de Al-Azhar Ahmad Al-Tayyeb no Documento sobre a Fraternidade Humana pela Paz Mundial e a Convivência.¹⁵ O documento é oferecido como sinal da proximidade entre todos os que crêem que Deus nos criou para nos entendermos, cooperar uns com os outros e vivermos como irmãos e irmãs que se amam. O Papa Francisco e o Grande Imã fizeram um convite à reconciliação e à fraternidade entre todos os crentes e não crentes, e entre todas as pessoas de boa vontade; apelaram a todos os que prezam os valores da tolerância e da fraternidade.

Não é só no âmbito religioso que se ouve o apelo à fraternidade, à tolerância e ao respeito. As próprias Nações Unidas proclamaram o dia 4 de fevereiro, Dia Internacional da Fraternidade Humana, com o propósito declarado de:

Sublinhar a importância de uma maior consciência das diferentes culturas e religiões ou crenças e da educação na promoção da tolerância, o que implica a aceitação e o respeito da diversidade religiosa e cultural por parte da opinião pública, especialmente no que respeita às expressões religiosas, e sublinhando ainda o facto de a educação, em particular na escola, dever contribuir de maneira significativa para a promoção da tolerância e a eliminação da discriminação baseada na religião ou nas crenças,

Incentivar as atividades destinadas a promover o diálogo entre religiões e culturas, a fim de reforçar a paz e a estabilidade social, o respeito pela diversidade e o respeito mútuo, e criar, a nível mundial e também regional, nacional e local, um ambiente propício à paz e à compreensão mútua,

¹⁵ Viagem apostólica de Sua Santidade Francisco aos Emiratos Árabes Unidos (3-5 de fevereiro de 2019).

Reconhecer que a tolerância, a tradição pluralista, o respeito mútuo e a diversidade de religiões e crenças promovem a fraternidade humana,...¹⁶

A Instituição Teresiana junta-se a estas vozes como foi declarado na sua Assembleia: *Desejamos continuar a tecer espaços de diálogo e de inclusão perante a diversidade cultural e religiosa, espaços de encontro e de fraternidade com migrantes, mulheres, pessoas excluídas nas mais diversas periferias.*¹⁷

➡ Artesãos da paz

A verdadeira paz “só pode ser alcançada quando lutamos pela justiça através do diálogo, procurando a reconciliação e o desenvolvimento mútuo”.¹⁸

Nestes tempos conturbados marcados por conflitos violentos em muitas partes do mundo, o Papa Francisco apela incansavelmente à cessação dos confrontos violentos. Salientou que o que se necessita para construir uma paz duradoura vai muito mais além da necessária negociação para definir caminhos concretos para a paz. Para uma paz duradoura, fala de processos de mudança elaborados pelos povos; cada pessoa pode agir como fermento eficaz pelo modo como vive cada dia. Para o Papa, a garantia de uma paz autêntica e duradoura é a integração das diferenças, um processo mais difícil e lento. O importante é criar processos de encontro, processos que ajudem e permitam às pessoas aceitar as diferenças. A cultura do encontro traz estabilidade duradoura e é forjada através do diálogo. Se queremos encontrar-nos e ajudar-nos, devemos dialogar. Este diálogo implica aproximar-se, falar, escutar, olhar, chegar a conhecer-se e compreender-se, encontrar pontos em comum.

¹⁶ Resolução aprovada pela 47.ª Sessão da Assembleia Geral da ONU em 21 de dezembro de 2020.

¹⁷ Cfr. “Linhas de missão, orientações e compromissos”. XIX Assembleia Geral da IT, agosto de 2023.

¹⁸ Papa Francisco, *Fratelli tutti*, 2020.

A tarefa de conseguir uma convivência pacífica chama-nos a perseverar na promoção e no cultivo da cultura do encontro, que põe no centro a pessoa humana e o respeito pelo bem comum. A Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, recentemente concluída, sublinhou a necessidade de promover a cultura do diálogo e do encontro como parte da construção da comunhão entre todos os povos.

Num mundo de violência e fragmentação é cada vez mais urgente um testemunho da unidade da humanidade, da sua origem comum e do seu destino comum, uma solidariedade coordenada e fraterna em prol da justiça social, da paz, da reconciliação e do cuidado da Casa comum. A Igreja é consciente de que o Espírito pode falar através da voz de homens e mulheres de todas as religiões, convicções e culturas.

Num mundo onde o número de migrantes e refugiados está a aumentar, enquanto a possibilidade de acolhê-los está a diminuir e onde o estrangeiro é visto com crescente suspeita, é oportuno que a Igreja se empenhe decisivamente na educação e na cultura do diálogo e do encontro, combatendo o racismo e a xenofobia, especialmente através dos programas de formação pastoral. É igualmente necessário comprometer-se em programas de integração de migrantes.¹⁹

É necessário revitalizar os nossos grupos e comunidades?

O centenário da aprovação da Instituição Teresiana como obra da Igreja é um momento importante no nosso caminhar como Instituição, para fazer um sério balanço de como estamos como Instituição e da pertinência e oportunidade da nossa resposta à luz do nosso carisma.

¹⁹ XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (primeira sessão, 4-29 de outubro de 2023). *Uma Igreja sinodal em missão, relatório de síntese.*

Como leigos, as nossas vidas giram normalmente em torno da família, do local de trabalho, da vizinhança, dos espaços recreativos, da nossa participação em paróquias e dos compromissos cívicos. Nas nossas rotinas diárias encontramos-nos com pessoas de distintos âmbitos; a maior parte das sociedades e os ambientes em que vivemos caracterizam-se pela diversidade: diversas culturas, etnias, religiões, crenças, visões do mundo, etc. O mundo oferece uma multiplicidade de formas de entender a vida, o seu sentido e o seu significado. Como pessoas que optamos por ser discípulos de Jesus, fazendo da vida de Jesus um modelo para a nossa vida, como nos situamos entre os nossos contemporâneos, companheiros de viagem neste mundo confrontado com numerosos desafios, ameaças e possibilidades?

Luigino Bruni, no seu livro *La Comunità Fragile*, partilha ideias sobre as quais vos convido a refletir:

Porque é que Jesus ordena aos seus apóstolos que não levem para o caminho nem pão, nem alforje, nem dinheiro...? Jesus está a criar um novo tipo de pessoas e, portanto, um novo tipo de comunidade. Aqui entendemos porque é que os cristãos eram inicialmente chamados "os do caminho" ou "os que caminhavam". A sua comunidade era uma comunidade móvel, um seguimento, um caminhar atrás de, um "arameu errante" que voltava, "uma questão de espírito e de pés". Tenda, acampamento, precariedade, não permanência. E foi assim que as comunidades cristãs permaneceram durante décadas, as décadas que mudaram para sempre a história.

A Igreja primitiva não nasceu monolítica e compacta porque Jesus enviou os seus discípulos de um lado para outro, fê-los nómadas e não residentes, como Ele próprio... Esta comunidade não é uma corte messiânica, não é uma comunidade

esotérica...mas uma comunidade missionária e nómada, que se reúne de vez em quando para recomeçar imediatamente. [...]

Só assim podia nascer uma Igreja que depressa chegaria a todos os cantos da terra, porque os seus pilares tinham sido forjados à beira do caminho.

As comunidades espirituais, certamente as mais autênticas e sãs, nascem e crescem no caminho. Com o tempo, no entanto, é quase inevitável que o calor do lar ganhe ao frio da estrada, e assim, pouco a pouco, de comunidades formadas por “anunciadores” (proclamadores) se convertam em comunidades de bens espirituais, e às vezes este consumo interno torna-se tão importante que já não se sente na carne o frio dos que estão no caminho. E é assim que a comunidade morre, mas pode ressuscitar se um dia reaprender a disciplina do caminho.²⁰

Partilhar o carisma: Porque não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos (At 4, 20)

Instituição Teresiana, povo em saída, partilha o carisma que recebeste!²¹ Partilhar o carisma implica abrir as nossas comunidades e grupos a outros buscadores de sentido, de experiência de companheirismo e de fraternidade, de uma plataforma que possa contribuir para o bem da sociedade. Partilhar o carisma implica também convidar a nossa família, amigos, colegas a unir as suas mãos connosco nos nossos esforços para contribuir para a construção de um mundo mais justo, inclusivo e humano.

O testemunho que podemos dar ao mundo de hoje, especialmente aos jovens, é o de uma vida vivida com um propósito que nos transcende a nós próprios. Um propósito que brota de um

²⁰ Luigino Bruni, *La comunità fragile. Perché occorre cambiare molto per non perdere troppo*. Roma 2022.

²¹ Prioridade. XIX Assembleia Geral da IT, 2023.

discipulado comprometido com Jesus e a sua missão de instaurar o reino de Deus; um discipulado em que obtemos o sentido e o propósito das nossas vidas; que também dá direção, gera energia e sustenta a nossa esperança, resistência e fortaleza.

Enquanto nos esforçamos para viver com fidelidade o carisma que Deus nos deu, o Papa lança-nos o seguinte desafio:

Portanto, não tenham medo de palmilhar as ruas, de entrar em cada canto da sociedade, de chegar até aos limites da cidade, de tocar as feridas da nossa gente... esta é a Igreja de Deus, que arregança as mangas para ir ao encontro do outro, sem o julgar, nem o condenar, mas estendendo-lhe a mão, para o apoiar, animar ou, simplesmente, para o acompanhar na sua vida.²²

Maria, Mãe amável e discípula confiada no Senhor

Pedro Poveda confirmou de maneira inequívoca o papel de Maria na Instituição Teresiana, e nos seus cem anos de história não há dúvida de que a mão amorosa de Maria a abençoou e guiou com predileção. A Instituição Teresiana foi concebida sob o seu olhar amoroso, e sempre a contemplámos como nosso ideal e inspiração, protetora e guia. Longe de ser espectadora na missão do seu Filho, Maria implicou-se plenamente na obra redentora de Cristo.

²² Mensagem do Santo Padre ao Presidente da Conferência Episcopal Espanhola sobre o Congresso Nacional de Leigos (Madrid, 14-16 de fevereiro de 2020).

No livro *Miryam de Judá*, Maria fala de uma forma muito bela:

Caminho de idade em idade

Oferecendo bênçãos a este povo

Santificado e santificador;

Oferecendo bênçãos a este envelope material chamado vida

Onde se esconde o coração de Deus.

...

Caminho como judia do clã de Judá

Chamada a sair do comum para me apoiar em Deus,

Chamada a sair da segurança da servidão,

Chamada ao deserto da liberdade.

Fugi! Entreguei-me à ardente liberdade da maturidade.

Uma vez respondi ao amor de Deus,

E agora e para sempre, sou responsável.

Como quem não detém,

Joguei a minha sorte com a pequena, sussurrante Voz.

...

Durante o tempo, esperamos.

Tendemos para Deus.

Somos responsáveis do mundo.

Narramos a história com as nossas próprias vidas, contando o que tem sido e que é, aqui e agora.

Respondemos a tudo o que foi,

E seremos responsáveis do que será.

Ao responder, vamos construindo novas histórias no nosso tempo.

Não é nosso o encargo de conservar, mas o de recordar;

não se apoia na rigidez, mas na fidelidade.

Somos um legado vivo de plenitude humana

Fortemente cingidos no abraço do divino.²³

²³ Ann Johnson, *Miryam of Judah*, Indiana, 1987.

Ao celebrarmos os cem anos de caminhada da IT desde a sua aprovação pontifícia, fazemos eco do **MAGNIFICAT** de Maria por todas as maravilhas que o Senhor fez por nós e, com ela, renovamos o nosso **FIAT** para escutar e seguir a vontade de Deus esforçando-nos por permanecer fiéis à missão desta Associação à qual temos a sorte de pertencer. Escutamos as palavras de Maria aos servos nas bodas de Cana: “Fazei o que Ele vos disser”. Que também nós sejamos diligentes em escutar e distinguir a voz do Senhor.

Para o ano 2024, que a nossa oração seja:

Graças, Senhor, por nos chamares a ser teus discípulos; dá-nos um coração discernidor que procure sempre seguir a tua vontade.

Muito cordialmente,

Gregoria Ruiz

Roma, 1 de janeiro de 2024.



it
instituição teresiana